

Imagens do moderno: a preservação do acervo do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos

Leonardo Barci Castriota

Pesquisador do CNPq, Diretor da Escola de Arquitetura/UFMG
dir@arq.ufmg.br / leocastriota@yahoo.com.br

Ana Aparecida Barbosa

Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo - USP.
Bolsista BDTI – FAPEMIG.
anaapbarbosa@bol.com.br

Dora Aparecida Silva

Especializanda em Gestão Estratégica da Informação pela Escola de Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.
Bibliotecária Chefe da Divisão de Formação e Desenvolvimento de Acervo - DFDA da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.
dfda@bu.ufmg.br

Vilma Moreira dos Santos

Doutora em Ciência da Informação, conforme reconhecimento de título deferido pela UFMG.
Professora Consultora do Sistema de Arquivos da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.
vmsantos@eci.ufmg.br

Carla Viviane da Silva Ângelo

Graduanda em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais
Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais
carlaviviane@eci.ufmg.br

Resumo

O trabalho relata a trajetória e o esforço de preservação de um dos mais importantes acervos documentais sobre a arquitetura brasileira, construído na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, entre os anos de 1954 e 1964. Num quadro marcado pela pouca importância institucional que se dá ao patrimônio documental em nosso país, ocupa uma posição especial o acervo do Laboratório de Foto-documentação Sylvio de Vasconcellos, sob a tutela da Escola de Arquitetura, que possui um dos raros arquivos de arquitetura *intencionalmente* construído, como parte de um projeto mais amplo de pesquisa na área da Arquitetura e do Urbanismo. Criado em 1954 com o objetivo de documentar fotograficamente o acervo arquitetônico e artístico de Minas Gerais, e funcionando de forma intensiva durante dez anos, o Laboratório de Foto-documentação produziu um impressionante acervo, que retrata de forma exemplar o interesse historiográfico dos arquitetos modernistas, que compunham então o corpo docente da Escola de Arquitetura. Constituído de mais de 30.000 negativos, este rico acervo permaneceu esquecido por

décadas e somente nos anos 90 começa um trabalho sistemático de catalogação e revalorização desse fundo documental, importante para a pesquisa da história da arquitetura brasileira.

Palavras-chave: Arquitetura acervos preservação

Abstract

This paper presents the history and efforts to preserve one of the most important archives on Brazilian architecture that was produced by the Architecture School of the Universidade Federal de Minas Gerais, Brazil, from 1954 up to 1964. In a national context where the institutions usually don't pay much attention to establishing a preservation policy for the documentary archives, the Fotodocumentation Laboratory Sylvio de Vasconcellos, on the holdings of the Architecture School, owns one of the few intentionally produced architecture archives in our country that was part of a larger research initiative. Created in 1954 with the aim of registering the architectonic and artistic heritage of the State of Minas Gerais, the Fotodocumentation Laboratory worked for more than a decade, and produced a remarkable photographic fund that corresponds to the historical perspective of the modern architects that ran it at the time. This rich Photo Collection that contains approximately 30.000 photographic negatives of art and architecture remained forgotten for decades, and it was only in the 1990s that it was rediscovered and that began a systematic effort to treat and preserve this documentary fund that can be very important for the research in the Brazilian architectural history field.

Key words: architecture archive preservation

Como observa Ramón Gutierrez, somente nos últimos anos começou a existir uma consciência acabada sobre o valor documental dos Arquivos de Arquitetura na América Latina, carecendo esses arquivos, em geral, *“de uma tutela específica, salvo naquelas repartições públicas ou escritórios privados onde foi necessário conservá-los em atenção ao caráter operativo dos mesmos”*. Mesmo nesses casos, trata-se muitas vezes simplesmente de uma *“operação de armazenamento, sem implicação alguma de uma tarefa de adequado acondicionamento e catalogação, por isso é freqüente que os mesmos estejam também*

destinados ao sumiço quando muda o responsável pelo arquivo, se produza uma mudança ou algum funcionário considere necessário conseguir espaço”¹.

Neste quadro, ocupa uma posição especial o acervo do Laboratório de Foto-documentação Sylvio de Vasconcellos, sob a tutela da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, um dos raros casos de um arquivo de arquitetura *intencionalmente* construído, como parte de um projeto mais amplo de pesquisa na área da Arquitetura e do Urbanismo. Criado em 1954 com o objetivo de documentar fotograficamente o acervo arquitetônico e artístico de Minas Gerais, e funcionando de forma intensiva durante dez anos, o Laboratório de Foto-documentação produziu um impressionante acervo que retrata de forma exemplar o interesse historiográfico dos arquitetos modernistas, que compunham então o corpo docente da Escola de Arquitetura. Rico acervo, constituído de mais de 30.000 negativos, permaneceu esquecido por décadas e somente nos anos 90 começa um trabalho sistemático de catalogação e revalorização desse fundo documental, importante para a pesquisa da história da arquitetura brasileira.

A história de um fundo documental

A Escola de Arquitetura da UFMG, criada em 05 de agosto de 1930 e federalizada em 1949 (Lei nº 971), foi a primeira escola da América do Sul a nascer desvinculada das Escolas Politécnicas, de Belas Artes e Filosofia. Esta autonomia merece destaque, uma vez que suas congêneres, obedecendo aos preceitos academizantes trazidos em 1816 pela Missão Artística Francesa - especialmente através do exemplo dos trabalhos do Arquiteto Henri Louis Victor Grandjean de Montigny - tinham seus currículos baseados no ensino preconizado pela Academia de Belas Artes da França. Sua fundação deu-se, portanto, sob a influência da Semana de Arte Moderna de 1922, o que, alguns anos depois, vai se refletir na qualidade da arquitetura produzida por seus alunos, em consonância com as novas conceituações de beleza, racionalidade e funcionalidade, em contraposição ao caráter decorativista anterior e, portanto, transformando o arquiteto de virtuose em técnico. Neste sentido, é interessante perceber que a sua fundação coincide com o período em que Lucio Costa assume a direção da Escola Nacional de Belas Artes, promovendo importantes transformações, mudando seu corpo docente e orientação de ensino e incluindo modernistas no júri do Salão Nacional de Belas Artes. Como se sabe, Esses acontecimentos foram seguidos da imediata reação dos arquitetos tradicionalistas, principalmente os ligados ao neocolonial, o que transformou a luta pelo controle das instituições públicas num fato importante durante a década de 30.

¹ GUTIÉRREZ, 2001.

A Escola de Arquitetura vai ter uma trajetória paralela à evolução da própria arquitetura moderna brasileira: nascida sob os influxos da renovação, vai ter o seu corpo docente inicial formado por arquitetos que ainda trabalhavam dentro do esquema academicizante de projeção. No entanto, vão ser as obras pioneiras de Niemeyer na Pampulha que constituem o grande referencial para a primeira geração de alunos daí egressos, que a partir do final dos anos 40 marcam a cena arquitetônica de Minas Gerais. Com a absorção gradual de ex-alunos em seu corpo docente, a Escola de Arquitetura assiste à transformação da formação profissional, que passa do academicismo para o experimentalismo modernista. Assim, experimentações formais e técnicas aliadas a uma pesquisa de nosso passado colonial caracterizam o trabalho da Escola nos anos 50 e 60, o que também se relaciona diretamente com a tendência maior na época. Essa interação pode ser notada, por exemplo, ao se acompanhar as diversas mudanças em seu currículo, que atestam, não só a preocupação constante com a formação profissional de seus alunos, notadamente na área de projeto, mas evidenciam também a ênfase na tecnologia e crítica (história e teoria) da Arquitetura.

Quanto à pesquisa, devem ser registrados os primeiros esforços em 1959, ocasião em que se procurou sistematizar a atividade através da criação do *Núcleo de Assessoramento à Pesquisa*, sob a supervisão do Professor Sylvio de Vasconcellos. Inicialmente voltadas para pesquisas bibliográficas, estas brevemente se transformam em apoio didático na medida em que passam a se servir dos serviços do Laboratório de Foto-Documentação e Gráfica, já há algum tempo presentes na Escola. Nesta oportunidade são iniciadas as *Edições Escola de Arquitetura* que, entre 1961 a 1963 apresentam 67 títulos cujos autores, em sua maioria professores da Escola, tinham sua competência reconhecida nacional e internacionalmente. Contando com um contingente de oito arquitetos, três datilógrafos, uma secretária, em 1963 a Seção foi transformada em *Instituto Superior de Pesquisas para o Planejamento*. No entanto, em 1964, por ocasião do golpe militar, o Instituto foi fechado, com a Escola de Arquitetura e seu ensino sofrendo um duro golpe.

Dentro da estrutura de pesquisa da Escola, desempenhava papel central o Laboratório de Foto-documentação, que registrava, dentro dos mais altos parâmetros de qualidade técnica e estética, a arquitetura mineira tradicional e contemporânea. Funcionando também como um centro de excelência da fotografia e muitas vezes premiado, o Laboratório de Foto-Documentação desenvolveu pesquisas importantes tais como o FOCO MOBILE, o BRUM DE MADDER metalizado (processo de viragem) e o Sistema FORMALC preservador de películas fotográficas.

Do intenso trabalho nas décadas de 50 e 60, resultou o acervo do Laboratório de Foto-Documentação Sylvio de Vasconcellos, constituído por cerca de 25.000 fotogramas. A sua

composição reflete o interesse teórico e o foco historiográfico dos pesquisadores modernistas de então, contemplando o levantamento de, praticamente, toda a arquitetura colonial mineira, arquitetura das primeiras décadas de Belo Horizonte, e exemplares da arquitetura moderna brasileira em seus primórdios.

Desde 1964, com a desativação do *Núcleo de Assessoramento à Pesquisa*, esse acervo permanece inexplorado na Escola de Arquitetura: cuidadosamente conservado sob a guarda de alguns poucos funcionários ciosos da sua importância, a esmagadora maioria desses negativos nunca foi copiada em papel, não podendo ser utilizados para pesquisa. Mesmo assim, pela abrangência e qualidade tem atraído continuamente pesquisadores de todo o país, que o têm utilizado como fonte para diversas pesquisas, principalmente sobre a arquitetura e o urbanismo mineiro dos séculos XVIII e XIX.

Tradição e modernidade

A Constituição de 1934 definia que a União era responsável por fixar e executar o plano nacional de educação para todos os graus e ramos do ensino, em todo o território nacional. No momento em que em Belo Horizonte se fundava a Escola de Arquitetura, a educação se tornava nacionalmente a arena principal onde o combate ideológico ocorria: a tarefa educacional visava mais do que a transmissão de conhecimento, a formação de mentalidades, desdobrando-se as atividades do então Ministério da Educação e Saúde em várias outras esferas, sendo considerado necessário o desenvolvimento da alta cultura do país, sua arte, sua música, suas letras. (SCHWARTZMAN, 1984). Para tanto, foram muito importantes as relações estabelecidas pelo Ministério com a intelectualidade em geral, relações que se mostraram extremamente próximas no caso de Minas Gerais, onde se estabeleceram vínculos com expoentes do movimento modernista, vinculadas e mantidas pelo seu chefe de gabinete o mineiro Carlos Drummond de Andrade. Segundo SCHWARTZMAN (1984) havia aqui uma via de mão dupla: para o Ministério, importavam os valores estéticos e a proximidade com a cultura; para os intelectuais, o Ministério da Educação abria a possibilidade de um espaço para o desenvolvimento de seu trabalho, a partir do qual supunham que poderia ser veiculado o conteúdo revolucionário mais amplo que acreditavam que suas obras poderiam trazer.

Em relação a este ponto, é importante lembrar que o modernismo, movimento renovador da cultura no Brasil, teve como característica geral, ao lado de uma crítica exacerbada à arte acadêmica, tradicional, a busca de raízes, colocando como parte de sua agenda a questão da identidade nacional. Assim, não era difícil encontrarem-se, à época, formulações como a do escritor Pedro Nava, em "A Revista": "Classicismo em 1925 é doença. Doença grave".

Nesta publicação do grupo modernista mineiro, o projeto é o da valorização da cultura brasileira, que, no caso, dar-se-ia pelo repúdio de toda cópia de modelos importados - e, portanto, o repúdio ao classicismo. Segundo Helena Bomeny, para esses intelectuais seriam perigosos “o cosmopolitismo, a imigração, o estrangeirismo, a imitação, as fórmulas convencionais e universalizadas do classicismo, a intemporalidade das soluções, a linguagem rebuscada.”² Assim, ao mesmo tempo em que mantêm estreito contato com as vanguardas européias, os modernistas brasileiros desenvolvem uma peculiar relação com a tradição, recusando a idéia do rompimento radical com o passado. Aracy Amaral resume esta posição:

Nos anos 20, a arquitetura, a literatura e as artes plásticas eram marcadas por um desejo de renovação formal, que fez os primeiros anos deste século uma era de definições culturais, particularmente em São Paulo. As comunidades intelectuais e artísticas permaneciam atentas ao que ocorria na Europa, especialmente em Paris, mas as ligações emocionais eram com o Brasil. Apesar de educados na Europa, os artistas e escritores brasileiros que participaram do Movimento Moderno - que tem seu início histórico durante a Semana de Arte Moderna de São Paulo acontecida no Teatro Municipal de São Paulo de 11 a 18 de fevereiro de 1922 - gradualmente se deram conta de que a realidade brasileira era tão importante quanto a renovação formal.³

Neste quadro não é de se estranhar, portanto, que os modernistas tenham “redescoberto” Minas Gerais, e, em especial, Ouro Preto: na busca de uma identidade nacional “profunda”, de raízes genuínas, identifica-se naquele conjunto setecentista as manifestações de uma possível civilização brasileira. O barroco local, que durante muito tempo fora considerado excêntrico e sem importância, é re-valorizado pelos modernistas, que o vêem como uma síntese cultural própria, esboçada por uma sociedade no interior do país, que, isolada, re-trabalhara à sua maneira as diversas influências culturais. Assim, vai ser apenas aparentemente paradoxal que, em 1924, ao receberem a visita do poeta vanguardista suíço Blaise Cendrars, um grupo de poetas e artistas brasileiros - identificados também com a idéia da modernização social e cultural do país - tenha levado-o justamente às velhas cidades de Minas Gerais, onde tudo parecia evocar o passado e a tradição. É interessante perceber aqui como a aproximação de nossos modernistas ao passado do século XVIII assemelha-se à aproximação que as vanguardas européias faziam do primitivo e do arcaico, com a particularidade de o primitivo, aqui, apontar para as nossas raízes nacionais. A redescoberta das culturas primitivas pelas vanguardas corresponde, então, no Brasil à redescoberta de uma *outra* cultura nacional, não oficial -, presente, mas ignorada, na medida em que se mantivera à margem da cultura hegemônica.

No caso da arquitetura, essa leitura particular do passado nacional também vai desempenhar um papel muito importante na formulação tanto de uma política de

² BOMENY, 1994, p. 97.

³ AMARAL, 1995, p. 14.

preservação, quanto de nossa própria arquitetura moderna. Essa postura, que combina a busca do novo com a revalorização da tradição, pode ser bem exemplificada na trajetória de Lucio Costa, o criador de Brasília, que, nos anos 30, vai ser o líder intelectual da renovação arquitetônica brasileira. Segundo seu depoimento, nos primeiros contatos com o movimento moderno em arquitetura, chocava-lhe “*o seu caráter absolutista, intransigente e o aparente desprezo pelo passado*”, que, também a partir de uma viagem à Minas e de contatos com a “*genuína arquitetura brasileira*”, aprendera a respeitar. Sua busca, a partir de então, vai ser sempre a de integrar modernidade e tradição, a partir de uma reflexão sobre a especificidade de seu campo profissional, a arquitetura, e de sua relação com a realidade brasileira.⁴

Neste sentido, os arquitetos modernos brasileiros viam-se, na esteira das formulações de Lucio Costa, muito mais como continuadores da boa tradição construtiva forjada ainda na época da Colônia do que como agitadores vanguardistas. O gesto futurista parece estar ausente de suas proposições, predominando entre eles um discurso de apelo à “*lição do passado*” - não aquele imediato, da linguagem clássica relida pelo ecletismo, mas aquele da arquitetura colonial e barroca do século XVIII, onde identificavam formulações apropriadas e significativas para um projeto nacional. É interessante perceber como há um interesse explícito em recuperar o nosso passado colonial, a nossa arquitetura tradicional, a partir de uma perspectiva pragmática: afinal naquele período haveria uma série de lições a serem aprendidas pelos arquitetos modernos. Assim, é muito comum na época identificar-se uma espécie de correspondência entre essa arquitetura colonial e a arquitetura moderna, ressaltando-se os seus traços comuns: simplicidade, austeridade, pureza, bom uso dos materiais. Neste linha, chega-se mesmo a se apontar semelhanças entre a estrutura da nossa arquitetura tradicional - o pau-a-pique - e o concreto armado.⁵

Assim, no campo da arquitetura, a perspectiva dos modernistas terminava propondo uma outra vinculação entre história e ética, conforme nos esclarece Cavalcanti, (2000), quando diz que assumiram “*os pólos do passado e do futuro, lograram se colocar, em uma perspectiva evolucionista, como a natural depuração e herdeiros de toda uma tradição construtiva brasileira: ‘descobrimo o Brasil de novo, forjam o próprio passado’*. *As estruturas modernistas, simplificadas e multiplicáveis, igualariam as casas de ricos e pobres no aspecto construtivo, possibilitando a produção em larga escala de casas operárias.*” As formas modernas se apresentavam, então, não como uma opção estilística, mas como uma necessidade ética e social, como diz Lucio Costa.

⁴ FONSECA, 1997, p. 98.

⁵ VASCONCELLOS, 1946, p. 31.

A partir dessa visão, podemos entender como o movimento modernista conseguia estabelecer uma relação com o programa político e ideológico do Ministério da Educação sob o Estado Novo e, posteriormente, com os governos que se seguiram à redemocratização. Vivíamos a época dos “*modernistas na repartição*”, para utilizarmos a expressão feliz de Lauro Cavalcanti (2000): numa aproximação inédita com o aparelho de Estado, os intelectuais modernistas viam nele a possibilidade de consecução de seus ideais de criação e fortalecimento de uma identidade nacional. Se a nível nacional esta postura é bem representada por Lucio Costa, no caso mineiro temos a trajetória de Sylvio de Vasconcellos, que além de desenvolver importante obra edificada moderna, foi Diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em Minas Gerais e Diretor da Escola de Arquitetura (1963/64), tendo ali criado o Laboratório de Foto-documentação que posteriormente recebe o seu nome.

Um olhar modernista

De fato, como Lucio Costa, o arquiteto Sylvio de Vasconcellos vai ter sua trajetória identificada com a do IPHAN: já em 1939, a convite do então Presidente do órgão, Rodrigo Mello Franco de Andrade, assume a chefia do seu Distrito em Minas Gerais, permanecendo no cargo até 1969. A sua atuação naquele órgão vai ser paralela à sua atuação na Escola de Arquitetura, onde era responsável pela disciplina “Arquitetura Brasileira” e onde se empenha na criação do Laboratório de Foto-documentação. É natural, portanto que o acervo deste reflita essa dupla militância, tendo sido gerado a partir da orientação de seu Supervisor, através de inúmeras viagens pelo interior de Minas Gerais e de outras regiões do Brasil, com o objetivo de formação de acervo para ensino e pesquisa em arquitetura, bem como de registro documental da realidade e das transformações que a arquitetura e o espaço urbano e rural sofriam naquele momento.

É interessante notar como a constituição desse acervo parece responder ao desafio colocado por Lucio Costa ainda em 1937, quando, após constatar a quase total ausência de registro de nossa arquitetura tradicional, clamava por uma “documentação necessária”. “*Se já existe alguma coisa sobre as principais igrejas e conventos - pouca coisa aliás ... -*”, advertia Costa, “*com relação à arquitetura civil e particularmente à casa, nada ou quase nada se fez*”.⁶ Esse trabalho de documentação deveria ser amplo, a seu ver, “*não se limitando, apenas, à casa de aparência mais amável da primeira metade do século XIX, como se tem feito*”, mas abrangendo também “*a do século XVIII e mesmo os possíveis vestígios da do XVII*”, e procurando ainda contemplar os mais diferentes tipos de

⁶ COSTA, 1996, p. 457.

edificações: “as casas grandes de fazenda”, “os sobrados de cidade com sete, nove ou quinze janelas e porta bem no meio”, bem como “as casas menores de três, quatro ou até cinco sacadas” e “as pequenas casas térreas, de pouca frente, muito fundo e duas águas apenas”, sem esquecer a casa “mínima”, a dos colonos. O estudo, ademais, não poderia ser superficial, devendo examinar “os vários sistemas e processos de construção”, “as diferentes soluções de planta e como variavam de uma região à outra”, “os telhados”, “os tetos forrados com camisa e saia”, “as esquadrias e respectivas ferragens” e o mobiliário.⁷

Um programa análogo é seguido pelo Laboratório de Foto-documentação, que, de fato, não se limita apenas a edificações oficiais, contemplando uma grande diversidade tipológica, que chega até mesmo à “arquitetura espontânea” das favelas de então. Além disso, não se restringe ao registro mais geral do monumento, produzindo imagens de inúmeros de seus detalhes: pisos, forros, varandas, entre outros, além de um minucioso levantamento dos elementos de arte aplicada. Pode-se perceber ainda na estruturação do acervo, o destaque dado ao estudo da arquitetura e das artes do período colonial, que, de fato, norteia um programa básico de pesquisa, que vai sendo paulatinamente expandido, o que é demonstrado através das publicações realizadas no período pela Escola de Arquitetura. Ao lado da arquitetura tradicional, comparece também com grande peso a própria arquitetura contemporânea que se produzia, com imagens da obra dos arquitetos modernistas do período. Assim, são fartamente registradas a Pampulha, a construção de Brasília, e diversas obras modernistas no Rio de Janeiro, entre as quais o Parque Guinle e o Conjunto Pedregulho. É digno de nota ainda que o acervo não faz restrição ao Ecletismo, registrando intensamente a arquitetura de Belo Horizonte em seus vários momentos, das edificações dos primórdios da construção da capital mineira até os exemplares contemporâneos. Assim, há ali um amplo registro, por exemplo, dos palacetes ecléticos do início do século, bem como das diversas “casas-tipo”, não faltando também exemplares do neocolonial e mesmo do então conhecido como “estilo moderno” – que posteriormente se denomina “*art déco*” –, tão mal avaliado pelos próprios modernistas.⁸ Assim, pode-se perceber que,

⁷ COSTA, 1996, p. 459.

⁸ O próprio Sylvio de Vasconcelos escreve várias vezes contra este estilo, como, por exemplo, na série de textos “Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais”, onde registra: “No que nos interessa de fato, vamos encontrar por volta de 1930 o cubismo em nossa arquitetura. É o estilo pó de pedra, caixa de fósforos. Casas em forma de cubos, marquises, planas e um resto de *art-nouveau* na decoração. É a alteração mais marcante depois do classicismo.” O tom do texto vai ser claramente depreciativo: a “ruindade” dessa nova arquitetura teria razões ambientais - as janelas com basculantes de ferro, o rebaixamento dos forros e mesmo o revestimento em “*pó-de-pedra*” contribuiriam para “aumentar a sensação de prisão e de calor” - mas também compositivas: “A composição dos volumes é toda geométrica (cubos entrosados) e os vãos também compõem-se de figuras geométricas. Aqui, deixamos de lado toda a boa tradição nossa da arte de construir, tanto estética como racional e ingressamos na inovação desenfreada sem razão e sem beleza.” VASCONCELOS, 1946, p. 48.

mesmo que haja uma expressiva valorização do colonial urbano e rural, o acervo não exclui as demais formas e estilos arquitetônicos, numa perspectiva que nos parece derivar de um forte interesse em tratar a arquitetura como objeto de uma pesquisa sistemática e rigorosa.

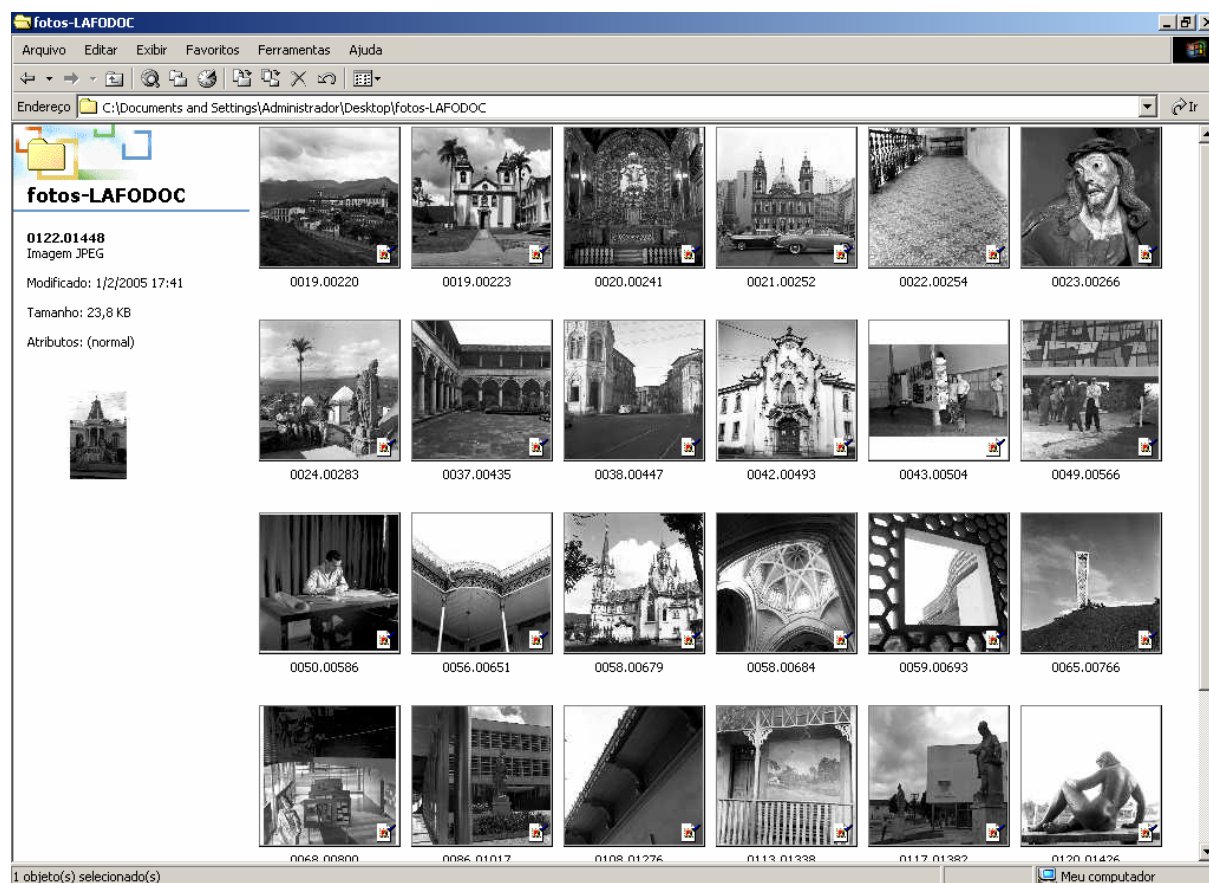


Figura 1 - Diversidade temática do acervo fotográfico do Laboratório de Foto-documentação Sylvio de Vasconcellos

O acervo do Laboratório de Foto-documentação Sylvio de Vasconcellos

Criado, como já anotamos, em 1954, o Laboratório de Foto-documentação além de se dedicar ao registro fotográfico, ministrava estágios e realizava pesquisas no campo da fotografia. Assim, é que, em suas atividades, o técnico de cinematografia do Laboratório, Marcos de Carvalho Mazzoni, desenvolveu, entre outros, o sistema FORMALC⁹, o Foto-Mobile¹⁰ e, ainda, o “Brum de Medder”¹¹. Contando com profissionais de alta qualificação técnica, o Laboratório gerou um acervo impressionante, composto por cerca de 30.000 fotogramas assim distribuídos: películas fotográficas de 35mm (aproximadamente 17.000

⁹ Preservador de películas fotográficas com a propriedade de diminuir a intensidade da eletricidade estática das películas, facilitando o seu manuseio.

¹⁰ O Foto-Mobile, desenvolvido em 1974 originou-se no desfocamento das imagens, que originou um movimento perpendicular à tela cinematográfica, propiciando o aparecimento do pseudo-slide, trazendo grande repercussão para o meio fotográfico, tendo sido premiado na BIENAL de São Paulo

¹¹ Metalizado que surgiu depois da eliminação de todos os processos de viragem convencionais.

negativos); películas fotográficas 6x6cm e 6x9cm (aproximadamente 17.000 negativos) e películas avulsas 13x18cm (aproximadamente 21 negativos). Todas as películas são em acetato de celulose. Este acervo encontra-se acondicionado em pastas arquivadas em ordem numérica seqüencial e em posição vertical, acondicionamento que deverá ser revisto, observando-se as normas de preservação. Cabe registrar que a maior parte dos negativos 6x6cm foi produzida na década de 60 e registra basicamente volumes e paisagens externas, tendo sido então listados em cadernos de registro específicos. Por sua vez, os negativos em formato de 35mm, que enfocam basicamente detalhes complementares aos registros produzidos em formatos maiores, se encontram em situação precária em relação ao estado de conservação, assim como às condições de seu arquivamento.

Desde 1964, com a desativação do *Núcleo de Assessoramento à Pesquisa* em consequência do golpe militar, esse acervo permanecia praticamente inexplorado na Escola de Arquitetura, não podendo ser consultado, na medida em que grande parte de suas imagens nunca tinha sido ampliada. Assim, o tratamento e a disponibilização deste acervo aparecia como um desafio, que foi enfrentado a partir de meados dos anos 90, quando, a partir do apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, iniciou-se o processo de organização e tratamento do acervo dos fotogramas. A partir desta idéia base, estabeleceu-se a meta de digitalizar o acervo fotográfico do Laboratório, processá-lo em banco de dados e disponibilizá-lo em formato digital através da página eletrônica da Escola de Arquitetura da UFMG, possibilitando uma pesquisa por descritores previamente delimitados.

Ao longo das atividades de organização e pré-classificação do acervo de negativos do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos, verificamos os seguintes focos temáticos no arquivo de negativos de acetato de celulose:

1. Arquitetura colonial mineira	1.1. Cidades – registro das principais cidades históricas em nosso Estado, ainda preservadas, nos anos 50 e 60.
	1.2. Arquitetura – registro detalhado dos principais monumentos arquitetônicos nessas cidades
	1.3. Arte Aplicada – registro da arte aplicada ligada aos monumentos arquitetônicos documentados.
	1.4. Mobiliário
	1.5. Artes Plásticas
2. Arquitetura em Belo Horizonte	2.1. Arquitetura eclética – construções do final do século XIX à década de 30.
	2.2. Arquitetura déco – registro das principais edificações déco da década de 30 a de 50.
	2.3. Arquitetura moderna - registro da produção da Arquitetura moderna, dos anos 40 a 60.
	2.4. Interiores
3. Arquitetura moderna no Brasil	Registro da produção da Arquitetura moderna, dos anos 40

	a 60, com destaque para edificações situadas no Rio de Janeiro e a construção de Brasília.
4. Universidade e Escola de Arquitetura	Registro dos espaços e dos eventos significativos do cotidiano da Escola de Arquitetura.

QUADRO 1 - Conteúdo das imagens dos negativos do Laboratório de Foto-documentação

A partir deste entendimento e considerando as discussões iniciais ocorridas, foram estabelecidos contatos com outras instituições e pesquisadores que vinham desenvolvendo estudos nos campos da digitalização e de tratamento da informação. A partir disso, ampliou-se o grupo de estudo com a constituição de uma equipe interdisciplinar. O primeiro passo foi, então, promover a integração entre os membros da equipe e, ao mesmo tempo, apresentar e discutir o escopo e os objetivos do projeto. Nessa etapa, foram discutidos os procedimentos metodológicos definidos no projeto original. Após a análise, a equipe concluiu que as etapas estavam em sintonia com os objetivos do projeto, sugerindo apenas a inclusão de uma etapa inicial voltada para a consolidação do grupo. Foram definidas as seguintes etapas para o trabalho: identificação; classificação; organização; digitalização; desenvolvimento de banco de dados; plano de preservação; consolidação dos métodos arquivísticos.

Definiu-se, ainda, que a estrutura da base de dados só poderia ser criada quando se tivesse clareza da metodologia a ser adotada no tratamento da informação. Nesse sentido, considerou-se também que, devido à natureza arquivística do acervo, os métodos de tratamento da informação seriam concebidos dentro da perspectiva da arquivologia.¹² Com isso, foram adotadas pela equipe as seguintes proposições metodológicas: adoção da Norma Internacional Geral de Descrição Arquivística (ISAD-G) e da Norma Internacional de Registro de Autoridade Arquivística para Entidades Coletivas, Pessoas e Famílias (ISAAR-CPF) e a criação de uma estrutura preliminar de metadados a ser considerada no tratamento da informação, tomando-se como base as normas acima mencionadas.

Tendo em vista a definição da estrutura de metadados, passou-se, então, à aquisição de um sistema de informação que possibilitasse a recuperação da informação em formato multimídia e o acesso ao acervo através da Internet. O sistema está sendo implementado utilizando a linguagem de programa PHP e sistema gerenciador de banco de dados MySQL, ambos software livre. Os critérios que nortearam a escolha do sistema foram os seguintes: as características do acervo, recursos financeiros disponíveis, facilidade de operacionalização e inserção dos dados e possibilidades de pesquisa através da Internet. A escolha do banco de dados foi, portanto, posterior ao diagnóstico das necessidades e definição das diretrizes de tratamento do acervo.

¹² Os métodos de tratamento da informação arquivística foram desenvolvidos dentro da perspectiva do “Projeto Sistema de Arquivos da UFMG – Projeto Piloto Faculdade de Farmácia”.

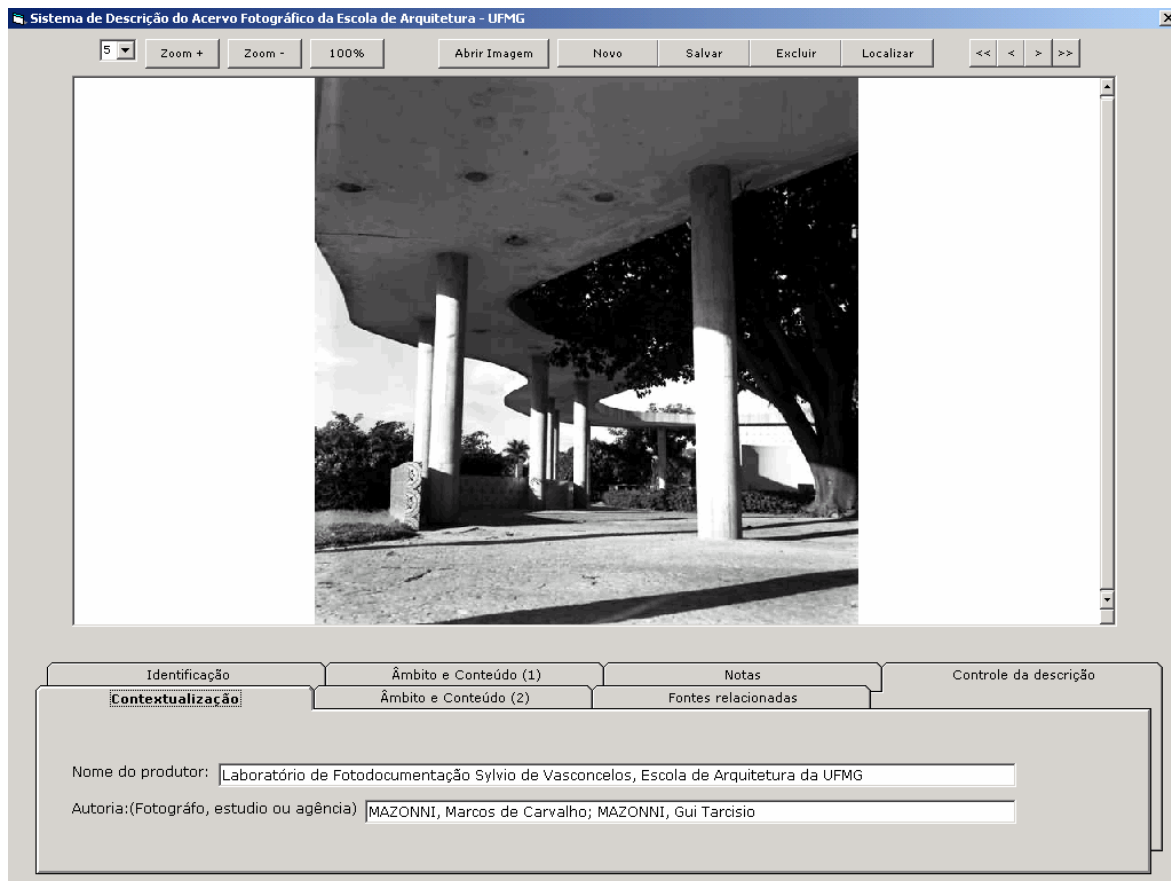


Figura 2 - Tela de apresentação do sistema de descrição do acervo fotográfico do Laboratório de Foto-documentação Sylvio de Vasconcelos

A nosso ver, o projeto “Digitalização do acervo de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcelos” vai exercer forte impacto sobre a pesquisa na área de teoria e história da arquitetura em Minas Gerais. Já se pode vislumbrar a repercussão do projeto a curto e médio prazo em várias direções, destacando-se, entre outros, a retomada e valorização da linha de pesquisa em História da Arquitetura na própria Escola de Arquitetura da UFMG, voltando-se a estudar e inventariar sistematicamente a arquitetura brasileira – com especial ênfase na arquitetura mineira tradicional, além do apoio às Instituições e setores de preservação, na montagem de inventários e dossiês para a preservação do patrimônio cultural mineiro. De fato, o vasto acervo do Laboratório de Fotodocumentação pode fornecer subsídios e base iconográfica para trabalhos dessas instituições, entre outros para a identificação do acervo desaparecido, na medida em que ali se documenta de forma sistemática os principais monumentos do Estado de Minas Gerais. O projeto se desdobra também em ações de divulgação, estando previstas exposições e publicações sobre a Arquitetura mineira e brasileira, bem como sua disponibilização *on line*, além da produção de três CD’S, abordando os principais eixos temáticos do acervo, a saber, a arquitetura colonial, a arquitetura moderna e a arquitetura de Belo Horizonte.

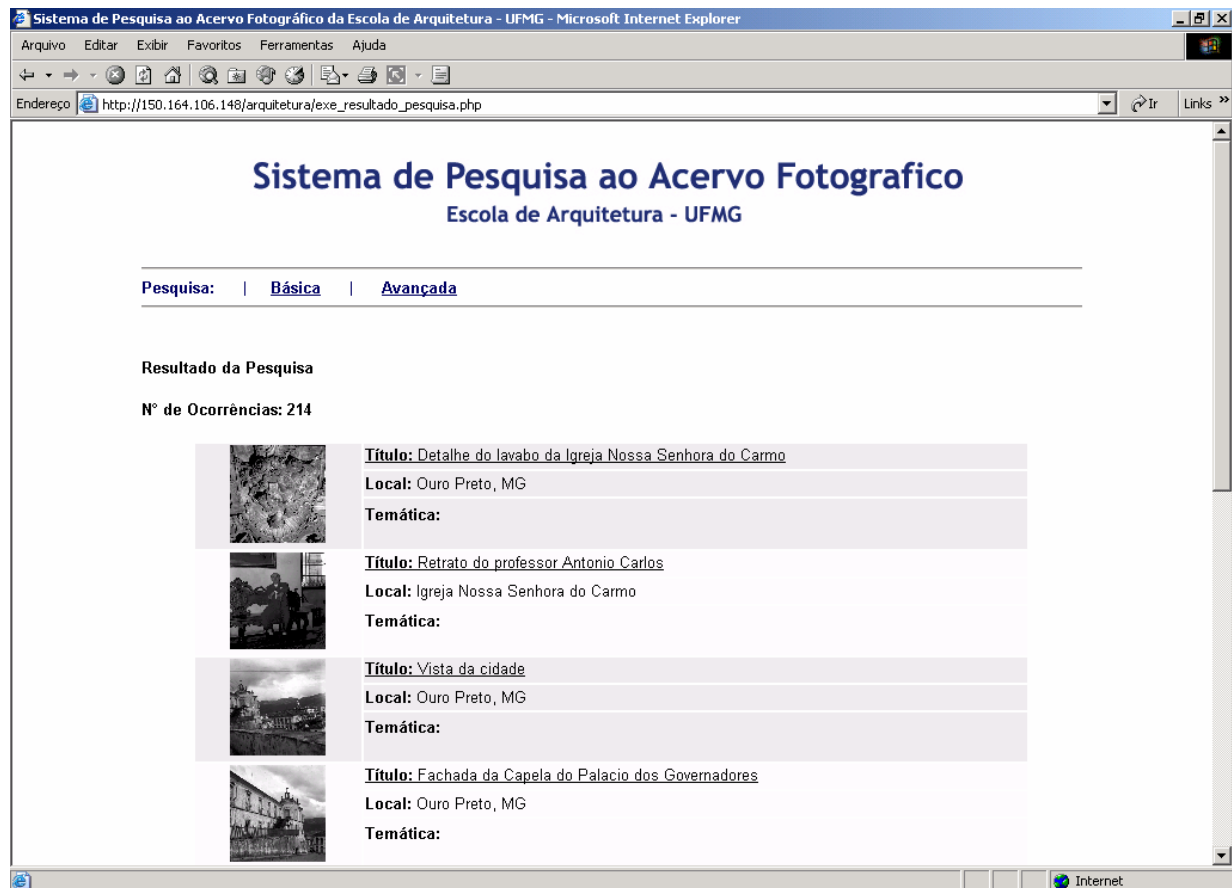


Figura 3 - Tela de apresentação do resultado do sistema de pesquisa ao acervo fotográfico do acervo fotográfico do Laboratório de Foto-documentação

Referências bibliográficas:

- AMARAL, Aracy. "Stages in the Formation of Brazil's Cultural Profile", **The Journal of Decorative and Propaganda Arts**. 21 (Miami: DAPA, 1995). (Tradução do autor).
- BOMENY, Helena. **Guardiães da razão: Modernistas mineiros**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Tempo Brasileiro, 1994.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Editora Perspectiva. São Paulo. 1981.
- CAVALCANT, L (ORG) (2000). **Modernistas na Repartição**. Rio de Janeiro; UERJ.
- CAVALCANT, L (2004). O Governo Controla a Cultura. **História Viva: Grandes Temas**. São Paulo, edição temática nº4. p.60-65.
- CORSI, F. L. (2004). O LONGO Caminho da Industrialização. **História Viva: Grandes Temas**. São Paulo, edição temática nº4. p.22-30.
- COSTA, Lucio. **Lucio Costa: registro de uma vivência**. São Paulo, Arte Editorial, 1996.
- CURY, I. (org.) (2000). **Cartas Patrimoniais**. Brasília: 2a edição, IPHAN. (Caderno de Documentos).
- CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. **Manuscrita**, São Paulo, n. 4, dez. 1993.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: Gênese de uma nova Crítica. In: MIRANDA, Wander Melo (Org.). **A Trama do Arquivo**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Centros de Estudos Literários da Faculdades de Letras da UFMG, 1995.
- FONSECA, M.C.L. (1997). **O Patrimônio em Processo: a trajetória da política federal de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro; UFRJ: IPHAN.

FRANCO, L. F. (2004). O Estado como obra de arte?. In NOBRE, A. L.; KAMITA, J. M.; CONDURU, R. (OR) (2004). **Lucio Costa: Um modo de ser moderno**. Rio de Janeiro. p.190-213

GUTIÉRREZ, Ramón. **Os arquivos de arquitetura no contexto latino-americano**. São Paulo: Vitruvius, 2001. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp044.asp> >. Acesso em 25 mai. 2005. 18:10:25.

Jornal ACR edita- Suzy de Mello. A pesquisa na escola – um depoimento

MARTINS, C. A. F. (1987). **Arquitetura no Brasil: Elementos para uma investigação sobre a constituição do discurso moderno no Brasil; A obra de Lucio Costa 1924/1952**. 1987. Dissertação (mestrado), Universidade de São Paulo, São Paulo.

MINC, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória (1986). **Rodrigo e seus tempos**. Rio de Janeiro; Fundação Nacional Pró-Memória.

MINC, SPHAN, Fundação Nacional Pró-Memória (1987). **Rodrigo e o SPHAN**. Rio de Janeiro; Fundação Nacional Pró-Memória.

MOTTA, L.(1987). A SPHAN em Ouro Preto: uma história de conceitos e critérios. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, nº22/1987. p.108-122.

ORTIZ, R. (1989). **A Moderna Tradição Brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo; Brasiliense.

PESSOA, J.(org) (1999). *Lucio Costa: Documentos de Trabalho*. Rio de Janeiro; IPHAN

SCHWARTZMAN, S. et al (1984). **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro; Paz e Terra. São Paulo; EDUSP.

TELES, G.M. (1985). **Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro**. Rio de Janeiro; Vozes.

TELLES, S.; CAMPOS, C. A. R.; MOTA, L.; ANDRADE, R. (1987). Patrimônio Edificado I: conservação/restauração. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Rio de Janeiro, nº22/1987. p.90-105.

VASCONCELOS. Contribuição para o estudo da arquitetura civil em Minas Gerais II. *Arquitetura e Engenharia*. Belo Horizonte, n. 3, nov/dez, 1946.